

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Sidney Carlos Ferrari

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Ourinhos/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

O professor Sidney Carlos Ferrari, o terceiro professor entrevistado para compor as narrativas do trabalho que tem como propósito construir uma versão histórica sobre os professores de Matemática das faculdades de tecnologia do Centro Paula Souza. Formado em Matemática e sendo o primeiro docente contratado pela faculdade considerada outrora uma extensão da Fatec São Paulo, a Fatec Ourinhos, o professor faz parte, atualmente, do corpo docente da instituição. De forma muito objetiva e clara, sua entrevista foi realizada no período noturno, na sala de reuniões da Fatec Ourinhos e trouxe elementos ao entorno da questão pesquisada. Essa entrevista foi realizada para a tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018¹.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec Ourinhos - Av. Vitalina Marcusso, 1400 - Campus Universitário, Ourinhos – SP.

Data: 16 de setembro de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 33 minutos e 36 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

¹ Consultar: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf

Transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Número de páginas: 14

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Realizou-se a entrevista com o professor Sidney Carlos Ferrari que, em 1992, viu a Fatec se instalar no município de Ourinhos. Prestou o concurso para a faculdade e foi o primeiro professor contratado, tendo a chance de ser o primeiro professor a pisar na sala de aula, também, na Fatec Ourinhos. Deu a primeira aula, numa segunda-feira, às 13h30 da tarde. A disciplina era a Matemática 1, que hoje é chamada de Cálculo Diferencial e Integral. O entrevistado menciona em sua narrativa que o concurso para professor naquela época já era obrigatório. Tinha a figura do professor contratado por meio de concurso, mas pela CLT, por hora aula e não existiam as jornadas de dedicação exclusiva. Suas turmas eram no período da tarde e da noite, no antigo PD, curso de Processamento de Dados, no primeiro ano. Existia, na época, também outra disciplina, a de Fundamentos de Matemática, que era uma revisão do Ensino Médio.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 04 de outubro de 2016

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Rosemeiry de Castro Prado (RCP): Bom, boa noite professor.

Sidney Carlos Ferrari (SCF): Boa noite.

RCP: Nós estamos aqui hoje para que a gente possa realizar a nossa entrevista. Primeiramente, eu quero agradecer a sua participação, a sua disponibilidade, e dizer o seguinte, que essa entrevista tem como finalidade coletar dados para minha tese. Tese de doutorado que está sendo desenvolvida lá no programa de pós-graduação em educação para a ciência da Unesp de Bauru, do campus de Bauru. O objetivo dela é mapear a formação de professores de matemática das faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo. A nossa metodologia é a história oral, a gente usa as narrativas por meio das

entrevistas, e essas entrevistas serão depois... elas vão passar por um processo, um processo de textualização, um processo de transcrição, e depois a carta de cessão. O objetivo da carta de cessão é o seguinte, depois que você tiver contato com essa transcrição e aprovar, se reconhecer, se identificar nesse texto, a gente gostaria de poder disponibilizar. Essas narrativas se tornam fontes, fontes históricas para outros historiadores, para essas pessoas interessadas, para o grupo, nosso grupo de pesquisa que é o GHOEM, grupo de história oral e educação matemática, e então depois todo esse processo será finalizado. Primeiramente eu gostaria de saber alguma coisa da sua vida pessoal.

SCF: Minha vida pessoal?

RCP: Isso.

SCF: Bom, como pessoa há...

RCP: Como local de nascimento, enfim

SCF: Ah tá. E eu sou nascido em Araçatuba no estado de São Paulo em 1954 e morei em Araçatuba até os meus 22 anos. Depois vim aqui para região de Ourinhos né, me formei em matemática na faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis, uma cidade vizinha, e aí prestei concurso pro estado, pro estado de São Paulo como professor de ensino fundamental, hoje médio né que antes não era esse nome, e aí vim para cá porque assim que eu saí da faculdade tive a chance de prestar esse concurso. Então eu fui pro concurso né, para a escolha assim sem nenhum tempo de serviço, apenas com a nota do concurso, então eu fiquei bem no fim da escala. E o interessante é que quando eu fui chamado pra fazer a escolha em São Paulo, eu precisei abrir o mapa pra poder descobrir que não tinha mais vaga em lugar nenhum né, só aparecia lá Ipaussu, O Ipaussu e eu não sabia nem onde era, então pela legenda né, pelas bolinhas do mapa, eu vi lá ah essa cidade é maior que essa, vou escolher essa daqui.

RCP: Ourinhos?

SCF: Não, foi Ipaussu.

RCP: Ipaussu...

SCF: Ipaussu, porque Ourinhos não tinha mais. Aí comecei na escola estadual de segundo grau na época né, Pedro Leme Brisolla Sobrinho, e em Ipaussu fiquei, isso foi 1980, fiquei até 1988 lá. Aí dei aula em outras escolas lá da cidade né, até outras escolas do estado, e depois tive chance de vir para cá para Ourinhos numa remoção, e aqui fui me agrupando né com os outros níveis de ensino que tive. Aí logo a oportunidade surgiu né, para trabalhar na FIO, aí vieram os cursinhos né, que era a época do boom dos cursinhos, e veio para cá o cursinho Anglo e eu comecei com eles né, eles começaram comigo também, então fiquei muito tempo no anglo, na FIO, e aí em 1992 deu certo da Fatec se instalar, eu prestei o concurso aqui, passei, fui o primeiro professor contratado, e tive a chance de ser o primeiro professor a pisar na sala de aula também aqui na Fatec, para dar a primeira aula.

RCP: Aula inaugural?

SCF: Não era aula inaugural não, a primeira aula pra valer né.

RCP: Tá... olha...

SCF: Foi uma segunda-feira 1:30hs da tarde.

RCP: E qual era a disciplina?

SCF: Era matemática 1, que é o nosso cálculo diferencial hoje.

RCP: Seria o nosso cálculo atualmente.

SCF: É, tinha matemática 1, matemática 2, que é o cálculo diferencial 1 e cálculo diferencial 2. Depois tinha outro cálculo numérico, pesquisa operacional e estatística mais pra frente, mas essa era lá no começo.

RCP: Sim, então concurso naquela época já era obrigatório?

SCF: Já era obrigatório sim, obrigatório. Tinha contratado via concurso, mas no mesmo estilo de hoje né, pela CLT, hora aula, não tinha ainda um... não existia né aquelas jornadas, não jornadas, como eles têm a dedicação exclusiva hoje. Mas a gente não tinha uma quantidade suficiente de aula para poder entrar em jornada, tinha que esperar, então eu fui contratado dessa forma e é o regime que eu estou até hoje aqui né, não tem outro.

RCP: Então começou com uma turma...

SCF: Uma turma não, duas turmas. Uma turma à tarde e uma turma à noite.

RCP: O antigo PD?

SCF: O antigo PD, processamento de dados, isso.

RCP: E começou com cálculo?

SCF: Cálculo.

RCP: Primeiro ano cálculo.

SCF: Eles tinham, existia na época também uma outra disciplina fundamentos de matemática, que era uma revisão de ensino médio e tal.

RCP: Sim, mas aí essa ficou para outro professor?

SPC: Não lembro se eu dava aula disso também. Acho que sim. Acho que sim porque o outro professor, ele entrou no segundo semestre, e era matemática 2 né, e eram seis aulas de matemática por semana né, não quatro como é hoje o máximo, são 6 aulas semanais.

RCP: E ao longo desse período na Fatec então são quantos anos de Fatec até o momento?

SCF: Vinte e quarto.

RCP: Vinte e quarto

SCF: Vinte e quarto anos foi em 92...

RCP: Ah 92, tá.

SCF: É a Fatec foi fundada em 91, mas as aulas começaram em 92.

RCP: Certo. Bom então foi a formação inicial tem Araçá... Penápolis, aí depois o senhor já... o senhor já ingressou no magistério, depois do magistério veio pra Fatec vamos dizer assim né, passando por outras instituições, e as especializações?

SCF: Fiz o mestrado, terminei ele em 2002 na USP lá de São Carlos. Foi a época que eu já tinha... 2002...é, eu já estava na Fatec né quando comecei o mestrado e terminei. E terminei agora ou doutorado né na UFSCAR lá de São Carlos também, nesses últimos três anos aí que eu fiz.

RCP: E qual foi o foco do mestrado?

SCF: O foco do mestrado foi lá no Instituto de Ciências Matemáticas da Computação, o foco foi a matemática aplicada à Computação, a matemática computacional né, em teoria de filas, então eu trabalhei com essa teoria. E no doutorado continuei a teoria de filas mas dentro da engenharia de produção.

RCP: E você acha que esse foco foi influenciado pelo fato do trabalho dentro dessa faculdade de tecnologia? Eu escolhi a matemática direcionada envolvendo a computação né justamente para que eu pudesse...

SCF: Olha, um pouco foi né? Mas antes de começar o mestrado ali na USP, eu tinha feito um ano e meio lá na USP de Piracicaba na área de estatística.

RCP: ESALQ?

SCF: Na ESALQ né. Estatística aplicada à agricultura né, agronomia. E senti que não era bem aquilo que eu queria. Eu gosto da estatística atuo com ela, até hoje trabalho com ela e tudo mais, mas não é o assunto que me empolgava. Aí então eu abri, procurei outras ofertas de curso de mestrado e me identifiquei com a USP de São Carlos, e fui para lá, e aí lá tinha essa associação com a computação. E depois entrei como aluno-ouvinte, e nesse processo de aluno-ouvinte assisti uma aula com a minha... que foi orientadora depois né, e a área de atuação dela era a teoria de filas. Acabei me empolgando com a teoria de filas e fui, onde eu uso demais a computação. Teoria de filas usa demais né. Desde o mestrado tudo o que a gente faz em teoria de filas você precisa ter a computação aliada a você, para poder desenvolver os modelos, calcular os modelos, então isso acabou me prendendo também né, essa associação com a computação me prendendo, porque eu estava na Fatec e tinha, eu ouvia falar disso, embora na época não tinha nenhuma formação computacional, mas aqui com os colegas eu sabia disso, daquilo, tipos de programa de linguagem. Então você fica envolvido nesse ambiente, e cheguei lá o ambiente também fazia parte do que eu queria, então acho que foi o casamento perfeito.

RCP: E a instituição incentivava de alguma maneira os cursos de especialização, de mestrado, de doutorado? Há algum tipo, havia, algum tipo de retorno, ou foi meramente mesmo interesse?

SCF: Não, meramente interesse. O Retorno que se tinha era assim, lógico, por você ter uma titulação, na época que eu tive o título de mestre, isso me ajudou na minha carreira aqui dentro né, eu mudei de... eu não lembro como é que chamava antes, mas mudei de posição, de nível né, de salário, aquela classificação que se tinha antigamente né, então me ajudou assim nesse sentido, mas...

RCP: Mas incentivo à pesquisa?

SCF: Não.

RCP: Não, não existe né?

SCF: Não existe. A gente não tem esse incentivo e nem o incentivo como se tem nas universidades. Você vai fazer um curso de mestrado, um curso de doutorado, você é afastado né, tive muitos colegas assim, afastado né para fazer aquele curso. Aqui nós não tivemos. Não tem. Não tive e sei que não tem até hoje.

RCP: E será que existe algum motivo? A gente pode atribuir a algum fator esse tipo de não motivação, de não... de distinção, vamos dizer assim, entre as universidades e a faculdade?

SCF: Eu não sei se existe. Eu penso que isso acontece pelo... por ser aqui uma faculdade de tecnologia mais voltada para o mercado de trabalho e tudo né. Então a impressão que se tem é que não há necessidade de se trabalhar com pesquisa, desenvolver pesquisas né, embora eu não concorde com esse olhar porque você vê aí no mundo afora muitas... vamos pensar... faculdades de tecnologia, institutos tecnológicos, como é o MIT da Califórnia, todos têm pesquisas de ponta né, e também trabalham com a tecnologia, apesar que lá eles têm bacharelado, tem outros cursos né, não só tecnologia. Mas eu acho que a pesquisa está presente em qualquer ramo de estudo que você faz, independente do nome que você dá para ele.

RCP: É interessante né porque se a gente for estudar um pouquinho a história do centro a gente vai perceber que em muitos momentos eles foram justamente buscar nesses institutos que você falou muitos modelos...

SCF: Uma orientação, mais ou menos isso.

RCP: É. E isso não foi herdado, isso não veio para o centro, apesar deles se basearem nesses institutos

SCF: É baseado mais em conteúdos, em ordenação de conteúdos né, e deixaram a tecnologia um pouco de lado.

RCP: Exatamente. E uma vez professor da Fatec, quais foram as disciplinas ministradas?

SCF: Bom, depois dessa matemática 1 e 2 que se perderam aí, se extinguiu né, não tem mais o curso de PD, vieram outros né, hoje seria análise de sistemas, não exatamente né. Bom, depois dessa matemática, estatística durante muito tempo trabalhei com estatística aqui, na época em que existia aquele curso abrangente chamado ASTI análise de sistemas de tecnologia da informação, tinha outras disciplinas além do cálculo, além da estatística, a gente tinha uma disciplina que usava muito a matemática, inclusive a teoria de filas na computação diretamente, que era análise de sistemas... análise... não, era Avaliação de Desempenho de Sistemas Computacionais. Então era a utilização da matemática para você avaliar sistemas de um modo geral, o funcionamento de redes, desempenho de algoritmos, então essa é uma disciplina também que eu trabalhei aqui durante o tempo que ela existiu. Fora essa, Matemática Financeira que pela segunda vez eu estou trabalhando com ela, já havia também no outro curso, e Pesquisa Operacional nos últimos acho que seis ou oito anos.

RCP: Nós tivermos Cálculo Numérico também né?

SCF: Também, cálculo numérico, também trabalhei com cálculo numérico.

RCP: Ah sim, então todas.

SCF: Sim, acho que eu passei por todas.

RCP: Todas, todas. E hoje?

SCF: Hoje?

RCP: Em relação a matemática estudada na época?

SCF: Comparando?

RCP: Comparando.

SCF: Eu acho que na época era bem mais aprofundado né. O cálculo que a gente via lá na Matemática 1 e na Matemática 2, você tinha... você estudava mais cálculo, mais teorias, e hoje parece que está bem resumido, parece que é uma vertente de hoje apenas você passar a noção do que é e pronto né. Eu acho isso também muito ruim porque falta elementos depois para o nosso aluno enfrentar problemas lá fora né, que poderia ser resolvido com o cálculo. Então tem, eu sinto um desequilíbrio muito grande de nível dentro dessas disciplinas da área de matemática, do começo que eu tive aqui nesses 24, 25 anos, de hoje para o começo né.

RCP: E que acaba interferindo de modo direto nas outras matérias técnicas né.

SCF: Sim, com certeza.

RCP: Programação a gente escuta muito né, os professores reclamando da lógica...

SCF: Isso eu vejo muito. Isso é uma visão minha que não é só na Fatec, eu vejo muito a parte computacional totalmente desvinculada da matemática, e a computação a gente sabe que é meramente aplicação né, muita aplicação da matemática. Então banco de dados, por exemplo, se fala em banco de dados relacional, não relacional, e isso tem tudo a ver com a teoria dos conjuntos né, com a matemática discreta, com a relação né, com as funções e parece que é algo assim ó, aquela matemática é uma, essa daqui nós herdamos de lá mas deixa quieto.

RCP: Sim, e os outros professores que trabalharam juntos na época da Fatec, qual seria a formação deles?

SCF: De Matemática? Dos professores de matemática?

RCP: É, sim.

SCF: Eram formados em Matemática mesmo.

RCP: Em Matemática mesmo, não mais engenheiros né?

SCF: Não, não.

RCP: Porque a gente sabe que...

SCF: Não me lembro de ter nenhum engenheiro trabalhando aqui na área de matemática não. Todos eram matemáticos formados.

RCP: Formados pela faculdade de filosofia mesmo. E quanto aos alunos, os alunos daquela época, logicamente deve ter começado com um número restrito né 91, 92?

SCF: Em 92 tinha 80 alunos, 80 vagas, 80 alunos, na turma da tarde e turma da noite. Bom, a diferença você já conhece né, eles vinham de Ensino Médio né, fundamental, bem mais preparado, matematicamente preparado, do que eles vêm hoje. Então hoje eles têm uma falta de conhecimento matemático enorme. Naquela época não. Dificuldades sim, tinha, ninguém consegue absorver todo o conhecimento que você tem no ensino médio, você pode ser um pouco melhor, entender melhor uma disciplina ou outra e não gostar daquela, não gostar da matemática, mas tinha mesmo assim um bom conhecimento, você falava em matriz opa eu lembro que eu estudei né, então bastava uma revisão simples e você recuperava o conteúdo. Hoje em dia é muito comum você falar em... lembra lá de matrizes, não eu nunca vi.

RCP: Regra de sinal, fração...

SCF: Isso, como é que opera fração, eu não sei, então é bem...o abismo é bem maior hoje, a diferença é grande.

RCP: E as referências usadas, os livros, a Biblioteca, enfim, como funcionava? Já vinha essas referências, já vinha do centro, já era unificado ou a própria instituição tinha essa liberdade de acrescentar conteúdos ?

SCF: Não. Aqui, a Fatec Ourinhos foi criada justamente como uma extensão de campus de São Paulo. Então todo o plano de ensino, todo plano de aula era criado lá em São Paulo, nem se falava Fatec Ourinhos, se falava Fatec Ourinhos extensão de campus São Paulo, Fatec São Paulo. Então tudo era decidido lá. A gente não sabia o que era então o que era as referências, livros, conteúdos, planejamento, tudo era lá, e a gente não podia interferir tem nada né. Depois que a Fatec Ourinhos ganhou o título de Fatec Ourinhos independente, não lembro isso quando, foi na época do (Asti) deve ser dois mil e 2005 mais ou menos, aí começamos a discutir junto com os outros professores do Centro Paula Souza, das outras Fatecs, a organização dos conteúdos dos planos e tudo né. Mesmo assim a gente tem um conteúdo que é unificado entre as Fatecs, e existe hoje a possibilidade de se ter alguma... algum conteúdo ou disciplina vamos chamar... não é optativa, recebe outro nome né, você pode adaptar de acordo com a região, as necessidades e tal. Mas é muito pouco né. Eu acho que hoje em dia se a rede quiser fazer uma modificação no conteúdo programático a gente até pode, mas submetendo ao Centro Paula Souza pra ser discutido pelas outras Fatecs, não posso chegar aqui e mudar, ó a nossa vai ser diferente, nós vamos mudar isso né. E naquela época em que foi criado não, nós não tínhamos nem esse poder de decisão, nem de questionar, eram eles lá e acabou.

RCP: Entendi, e a Fatec Ourinhos ela tem alguma parceria alguma, relação com outras instituições? Houve algum momento que a gente sabe né que a Unesp... surgiu a Unesp para acabar com os institutos isolados, então o governo encampou...

SCF: Encampou tudo o que tinha na Unesp.

RCP: Isso, na Unesp né. E aí nesse momento a Fatec também entrou nesse bolo, e aí nesse momento enfim, 92 né, teve algum reflexo? Herdou alguma coisa?

SCF: Não. Quando eu comecei aqui, quando foi criado a Fatec extensão de campus e tudo, já tinha eles tá...essa ligação com a Unesp né, mas nunca foi investido pela Unesp nada aqui, a Unesp nunca interferiu em conteúdo e criação de cursos em nada. A única coisa que se tinha era que os diplomas daquela época eram emitidos pela Unesp e assinados pela Unesp né, então a impressão que se tinha, era que a gente formava aluno, mas que o aluno não era nosso, era da Unesp né. Mas isso não é mais né, acabou. O registro também era por eles, agora não né. E tinha a questão salarial né, que nós fazemos parte do Cruesp né, aí os índices salariais deles eram os mesmos índices nossos né, e agora

também já se desvinculou. Me parece que hoje a ligação com a Unesp ainda existe numa forma documentada em papel assinado desde aquela época, e pelo que eu sinto é só esse documento, não tem mais nenhuma ligação assim mais direta conosco, nenhum vínculo direto conosco.

RCP: E a gente estudando também um pouquinho a história do centro, a gente viu que os cursos eram... são abertos, são pleiteados em função da necessidade regional, então se faz um estudo da região e aí a gente percebe que ah, falta tal profissional então a demanda é tal, e aí cria-se uma Fatec e os cursos né. Na época da criação da Fatec Ourinhos provavelmente deve ter sido feita essa pesquisa também né?

SCF: Eu acho que não.

RCP: Não...

SCF: Eu acho que o curso de processamento de dados era o carro-chefe. Na época na década de 90 né o boom da computação, a necessidade de profissional, então se criou dessa forma. Não vejo assim nenhuma...nenhuma vertente né olha a sociedade precisa, a sociedade de Ourinhos e região precisa desse curso. Não, simplesmente foi criado.

RCP: A gente percebe bastante em documentos essa fala, isso é constante né, que vai interagir a faculdade com a sociedade, com a região, pra atender essas necessidades, essas demandas, enfim, atualmente a Fatec Ourinhos ela consegue fazer uma parceria com as empresas, com a sociedade, consegue trabalhar esse lado da necessidade, a formação de profissional?

SCF: Consegue, eu acho que até faz o profissional que precisa, mas as empresas absorvem muito pouco.

RCP: Acho que acaba saindo da região né? Os nossos... os nossos alunos...

SCF: Sempre sai. Em torno de 90% deles aí saem da região, que não tem assim uma quantidade expressiva de empresas capaz de absorver todo esse profissional formado, e questão de nível de salário também né, tem a chance de ganhar mais, de trabalhar numa empresa maior, de ter possibilidade de uma ascensão dentro da própria empresa, de cargo, de tudo, então isso atrai mais o nosso egresso do que exatamente a cidade né.

RCP: Certo. Bom professor, o senhor gostaria de falar mais alguma coisa, algum acontecimento, algum evento durante a sua formação, a sua atuação enquanto professor de matemática na Instituição ou fora da instituição?

SCF: Olha, dizer que foi para mim uma aposta, a Fatec aqui em Ourinhos né. Eu sempre... naquela época almejava, eu falei não eu quero trabalhar num curso superior, numa universidade, pretendia prestar algum concurso, aí surgiu a Fatec aqui, entrei, gostei da administração como era e tudo, estou aqui até hoje, apostei aqui né. É claro que a gente tem aqui altos e baixos por vários motivos né, mas sempre apostei e continuo postando. Eu acho que eu fiz uma... profissionalmente uma escolha boa com relação a empresa, a instituição, e a gente desenvolve aqui, embora o foco não seja pesquisa, mas a gente desenvolve pesquisa aqui também né, a gente é um pouco teimoso com relação a isso né. Criei em 2005 aqui um núcleo de estudos e pesquisas estatísticas né, que vem atuando até hoje e a gente tem já divulgado vários indicadores da cidade, da região, nós temos hoje aqui o nosso... a nossa... o nosso custo de vida medido né, a nossa inflação medida usando a mesma metodologia da FIPE, comparando com o Brasil inteiro, e os alunos que participam né. Então temos várias...várias frentes de estudo neste nosso núcleo, tudo envolvendo matemática, estatística e computação, então a gente precisa de aluno de todo

jeito para trabalhar aqui, e eles vêm motivados, vêm trabalhar, fazem estágio com a gente. O estágio sem aquela remuneração né, que não é amparado né.

RCP: Que também não incentiva né, a iniciação científica dos nossos alunos, nenhum tipo de bolsa...

SCF: Não há incentivo né, mas nada, nada, nada né, mas, mesmo assim, a gente consegue.

RCP: Eu me lembro que quando eu cheguei aqui também na Fatec Ourinhos você era coordenador.

SCF: Sim, fui coordenador durante 4 anos

RCP: Além de professor, coordenador.

SCF: Eu era coordenador do curso inteiro né. Quanto... acho que cinco ou seis cursos lá que abria né um leque, e coordenada todos esses. Depois o Centro Paula Souza como a gente tinha nesse curso não só curso de tecnologia, mas tinha uma Licenciatura e, tinha também, Bacharelado, e essa foi a grande briga com o Centro Paula Souza, briga em termos né, porque parece que a gente estava querendo desvirtuar o foco da tecnologia né, então resolveram não incentivar esse curso, e aí nós acabamos desativando o curso e colocamos só... abrimos os vários cursos de tecnologia que a gente tem hoje. E aí cada um pegou uma, os professores pegaram as coordenações individuais dos cursos, mas...

RCP: Uma questão também que agora eu me lembro é que para os profissionais, para os professores da área técnica, não havia necessidade do mestrado, do título acadêmico, isso aconteceu um bom tempo, mas na nossa área específica sim, sempre houve.

SCF: Sempre. É. Isso acho que é a influência do objetivo do curso né, o curso era um curso de tecnologia voltado mais pra um olhar para o mercado de trabalho, o que que ele está precisando, vamos formar aquele profissional. Não um técnico né, um profissional mais abrangente do que o técnico. Então as disciplinas técnicas né, que você não tinha um profissional formado às vezes em banco de dados, em redes, mas tinha um especialista, uma pessoa com grande experiência né, então não se exigia deles uma titulação dessas que a gente tem né, acadêmica, mestrado, doutorado, apenas uma especialização, fazia-se entrevistas, testes, e aí aceitava ou não. Agora nas outras áreas, nas outras disciplinas não técnicas aí sim e isso já é uma... a formação, a titulação que a gente tem acadêmica né, já é comum, então seria um medidor de classificação né, de escolha de profissionais.

RCP: Mas isso está mudando também em relação...

SCF: Ah, acho que não é mais assim né. A disciplina técnica hoje também se exige.

RCP: Também. Também passa pelo acadêmico. Não mais só pelo profissional, pela experiência, pelo contato né com o mundo do trabalho.

SCF: Não, hoje eles também precisam ter mestrado e doutorado.

RCP: Mesmo por que há o plano de carreira né? Nesse momento né?

SCF: Também. Não só para entrar né, mas para continuar na carreira precisa ter titulação, senão você não consegue subir o nível.

RCP: Ou seja, a gente percebe que há uma herança aí de várias filosofias né, uma mistura.

SCF: Sim, uma mistura. Onde isso aqui é importante, aquele lá deixa pra lá, não vamos mexer com pesquisa, não vamos fazer isso mais isso daí...

RCP: Isso veio do que? Isso veio das universidades né, isso veio de herança de qual local? Ah, dos cursos de engenharia que nós fomos lá beber das águas, vamos dizer assim? Então, nós somos uma mistura nesse momento né.

SCF: Quase perfeita.

RCP: (risos)

SCF: (risos)

RCP: Ah professor, agradeço muito.

SCF: Foi uma conversa muito boa.

RCP: Nossa, foi muito rica a sua entrevista, eu fiquei muito feliz. E pra mim também foi uma honra.

SCF: Que bom, isso é muito bom.

RCP: Obrigada.

SCF: Foi bom pra mim também conversar, rever isso tudo né.

RCP: Depois eu quero uma foto.

SCF: Vamos lá.

RCP: Obrigada viu?

SCF: Obrigado você.

RCP: Olha deu meia hora, mas foi meia hora de muita coisa.

Descritores

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Faculdade de São Paulo

Centro de Memória

História institucional

História da matemática

Unesp Bauru

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Educação Matemática

Tecnólogo em Processamento de Dados

Rosemeiry de Castro Prado

Sidney Carlos Ferrari
Grupo de História Oral e Educação Matemática
GHOEM
Secretaria de Ciência e Tecnologia
Memórias da educação tecnológica

Dados Biográficos do Entrevistado



Sidney Carlos Ferrari, em 2016

Sidney Carlos Ferrari. Graduado em Matemática (1973 a 1975) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis, interior de São Paulo. Finalizou seu mestrado (2002) na USP, na área das Ciências da Computação e Matemática Computacional e o doutorado (2016) na UFSCar, na Engenharia de Produção, ambos, em São Carlos, interior de São Paulo. Ingressou no Centro Paula Souza em 1992, como professor de ensino superior. Em 2003 participou como conselheiro de implantação de curso do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. De 2004 a 2015 foi professor titular das Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO), São Paulo.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em 2018

Rosemeiry de Castro Prado, Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9037046574064977>

Anexos: (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Sidney Carlos Ferrari

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado